

**Pablo Silveira**  
**Viviane Maciel Machado Mauren**  
Organizadores



**Entre trilhas,  
bergamoteiras  
e cartas**

**a formação permanente de professores**





**Pablo Silveira e  
Viviane Maciel Machado Maurenre**  
(organizadores)

# **Entre trilhas, bergamoteiras e cartas: a formação permanente de professores**

**1ª edição**

**Z Multi Editora  
Estância Velha/RS  
2021**

**Entre trilhas, bergamoteiras e cartas:  
a formação permanente de professores**

**Organização:** Pablo Silveira e Viviane Maciel Machado Maurente

**Autores:** Ana Paula Fries, Gabriela Fick, Gismara Elisa Auler, Lídia Petry Bühler, Marília Cassel, Jackson Arend, Mara Luiza Ritter, Eduardo Cardoso Teixeira, Cíntia Tamara Schoeler, Maique Funke, Vanessa Fink, Ivan Müller, Pablo Silveira e Viviane Maciel Machado Maurente.

**Coordenação editorial:** Sandra Hess

**Diagramação:** Cleber Zanovello Dariva

**Capa:** Sandra Hess sobre imagens Freepik

**Revisão gramatical:** Flávio Adolfo Tietze

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

E61 Entre trilhas, bergamoteiras e cartas [recurso eletrônico]: a formação permanente de professores / Organização: Pablo Silveira, Viviane Maciel Machado Maurente. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2021.  
54 p.: il.; (5,5Mb ; PDF)

ISBN 978-65-87449-35-7

1. Educação. 2. Professores - Formação. 3. Pandemia. 4. Covid19. 5. Práticas pedagógicas. I. Título. II. Silveira, Pablo. III. Maurente, Viviane Maciel Machado.

CDU 371.13

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309



**Faça contato com os organizadores:**

☎ 51 99701.0797 | [pablito.silveira@gmail.com](mailto:pablito.silveira@gmail.com)  
[viviane-maurente@uergs.edu.br](mailto:viviane-maurente@uergs.edu.br)

[www.zmultieditora.com.br](http://www.zmultieditora.com.br) | [zmultieditora](https://www.instagram.com/zmultieditora)

☎ 51 99961.4410 | [contato@zmultieditora.com.br](mailto:contato@zmultieditora.com.br)

# AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial aos educadores que compõe a rede municipal de educação de Linha Nova/RS. Este e-book é resultado de um trabalho coletivo, aqui representado por alguns destes professores por meio de suas cartas pedagógicas, no entanto, todos que estavam na rede municipal em 2020 e 2021 foram essenciais para a viabilidade deste estudo.

Obrigado à gestão municipal da educação de Linha Nova/RS no ano de 2020 e 2021 pelo apoio, por confiar na proposta e ser parceira na construção de uma educação transformadora.

Ao Programa A União Faz a Vida, por oportunizar e manter processos de formação permanente, inclusive este, objeto de estudo desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) por incentivarem a pesquisa, a criação e implementação de ações transformadoras no campo da formação de professores para a educação básica.

E por fim, com um carinho especial, a todos os familiares dos educadores envolvidos nesta pesquisa, que dia a dia, nos apoiam e nos incentivam a construir uma educação de qualidade.

# APRESENTAÇÃO

**E**ste e-book surge a partir de uma dissertação de mestrado da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A pesquisa buscou analisar a formação permanente de professores e, ao fim, conceber um ideário de formação que contemplasse as necessidades desses profissionais e agregasse conhecimento e mudança nas práticas pedagógicas dos professores.

Ao longo da pesquisa, foram realizados encontros de formação permanente com docentes de uma pequena cidade da Serra Gaúcha. No planejamento inicial, esses encontros seriam permeados pelo diálogo entre formador e professores, participação ativa, temas elencados pelos educadores, enfim, uma formação pautada pela criação colaborativa. No entanto, em meio à pesquisa, o mundo foi acometido pela pandemia da Covid-19 e, obviamente, o trabalho também foi impactado. Porém, o que parecia ser um entrave na pesquisa, acabou fomentando novas possibilidades. Não se abriu mão do diálogo ou da produção coletiva, mas foi preciso adotar novas ferramentas para efetivar a participação dos professores em todo o processo.

Ao fim, a pesquisa mostra não somente uma possibilidade de realizar uma formação permanente de professores eficaz, mas sim, ferramentas que potencializam a escuta, o diálogo e a participação

efetiva durante todo o processo de planejamento, organização, desenvolvimento e avaliação.

Além disso, por conta do distanciamento social em meio à pandemia, a produção de cartas foi uma das estratégias de diálogos entre os participantes e o formador, e este e-book traz algumas dessas cartas pedagógicas. Elas não marcam apenas a participação desses professores nos encontros de formação, mas também traduzem os seus sentimentos e percepções sobre algo que nunca haviam vivido: à docência em um cenário de pandemia.

Este e-book será dividido em duas partes. Na primeira, um olhar sobre um modelo de formação permanente construído em diálogo com os professores. Na segunda parte, as cartas de professores que relatam sobre o seu trabalho no auge da pandemia da Covid-19.

**Pablo Silveira e  
Viviane Maciel Machado Maurente  
(organizadores)**

# Sumário

<b>A TRILHA: FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES</b> -----	<b>9</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA OU FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES? -----	<b>9</b>
A PALESTRA OU DIÁLOGOS EM PEQUENOS GRUPOS? -----	<b>10</b>
O FORMADOREXTERNO-----	<b>12</b>
DE ONDE SURGE A TEMÁTICA DE UMA FORMAÇÃO PERMANENTE? -----	<b>13</b>
COMO ESCUTAR OS PROFESSORES?-----	<b>15</b>
É POSSÍVEL UMA FORMAÇÃO PERMANENTE DIÁLOGICA? -----	<b>17</b>
DINÂMICAS PARA MOBILIZAR A PARTICIPAÇÃO -----	<b>19</b>
<b>BERGAMOTEIRA: OS RESULTADOS DE UMA FORMAÇÃO PERMANENTE DIALÓGICA</b> -----	<b>23</b>
<b>CARTAS PEDAGÓGICAS</b> -----	<b>25</b>
CARTA MONTENEGRINA -----	<b>27</b>
CARTA PONKAN -----	<b>29</b>
CARTA MORGOTE -----	<b>30</b>
CARTA MARISOL -----	<b>32</b>
CARTA PARECI -----	<b>33</b>
CARTA CLEMENULES -----	<b>34</b>
CARTA DEKOPON -----	<b>36</b>
CARTA DANCY -----	<b>40</b>
CARTA LEE -----	<b>42</b>
CARTA CÉU -----	<b>45</b>
CARTA ORTANIQUE -----	<b>47</b>
CARTA COMUM -----	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	<b>52</b>

# A TRILHA: FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES

Por Pablo Silveira e Viviane Maurenre

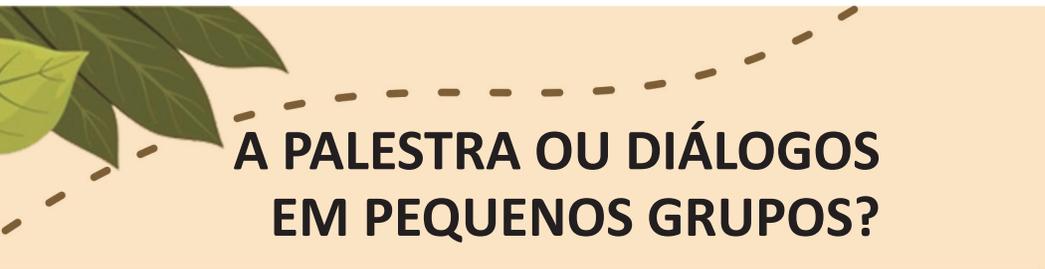
## FORMAÇÃO CONTINUADA OU FORMAÇÃO PERMANENTE DE PROFESSORES?

**O**s dois nomes estão corretos. Quando nos debruçamos sobre a legislação brasileira, encontramos a expressão “formação continuada” para nominar ações que desenvolvem os professores após sua formação inicial. Podemos encontrá-la na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no Plano Nacional de Educação, nos planos de carreira do magistério. Em um contexto geral, a abordagem deste termo

faz referência à responsabilidade dos sistemas de educação, dos gestores educacionais e dos próprios profissionais da educação em buscarem a qualificação profissional para as demandas cotidianas da educação, em cursos, congressos, palestras e afins.

No entanto, quando nos deparamos com a expressão “formação permanente”, compreendemos que o profissional da educação está em um constante ciclo de aprendizagem. Paulo Freire (2001) nos apresenta este termo, dizendo que ele representa a consciência da finitude humana e de que sempre há mais o que saber. A formação continuada, para o autor, remete à imposição do saber, à passividade da escuta; já a formação permanente democratiza a aprendizagem, pois compreende que o professor está sempre em desenvolvimento, a partir da sua prática, do seu contexto e dos diálogos que realiza com pessoas que também carregam saberes.

Sendo assim, este e-book também acredita na formação permanente, trazendo ao leitor aspectos e conceitos consolidados por autores clássicos da educação, mas também reflexões de profissionais que, participantes de uma formação permanente, nos ensinam com suas experiências e saberes.



## A PALESTRA OU DIÁLOGOS EM PEQUENOS GRUPOS?

O autor Francisco Imbernón (2010) coloca que as formações generalistas, com um grande grupo de participantes, onde um palestrante, geralmente especialista de um dado tema, discursa seu conhecimento, têm grandes chances de não atingir o esperado

desenvolvimento dos professores. Isto não tem relação com a qualidade do palestrante, ou até mesmo, ao cenário montado: uma grande palestra. Mas sim, de acordo com o autor, por este modelo na maioria das vezes não dialogar com as necessidades reais de cada contexto dos educadores envolvidos; não valorizar o conhecimento já construído pelos educadores presentes; e ainda, por muitas vezes trazer soluções que não são possíveis nos cenários dos participantes.

Já a formação em pequenos grupos, tende a valorizar o conhecimento já constituído dentro dos espaços escolares. Valoriza o que o professor já sabe e, com isso, abre espaço para novos saberes. Paulo Freire (1996) nos alerta para a importância de saber por meio do diálogo. A formação em pequenos grupos pode contar com um formador externo. Este traz suas experiências, abre seu leque de conhecimento, mas, neste contexto, tende a não impor o que sabe sobre os professores. Neste formato, o agente externo soma seus saberes aos conhecimentos já gerados pelos docentes, aliado às problematizações locais e as demandas reais dos educadores.

A formação em pequenos grupos não nega a possibilidade de uma grande palestra; no entanto, propõe que este grande encontro seja fruto da necessidade do pequeno grupo, construído a partir dele, conectado com as demandas dos docentes e planejado por eles, em parceria com a gestão educacional do sistema ou da instituição.

Os gestores educacionais, invariavelmente, planejam seminários e grandes encontros com temas pertinentes e bons palestrantes. Entretanto, acabam não construindo estes encontros a partir da escuta e da colaboração dos docentes, tampouco como resultado ou parte de um estudo iniciado e realizado dentro do contexto da escola. Com este movimento desconectado dos anseios dos educadores e sem a participação ativa deles, é grande a chance de não resultar nas mudanças esperadas, de acordo com os autores.



## O FORMADOR EXTERNO

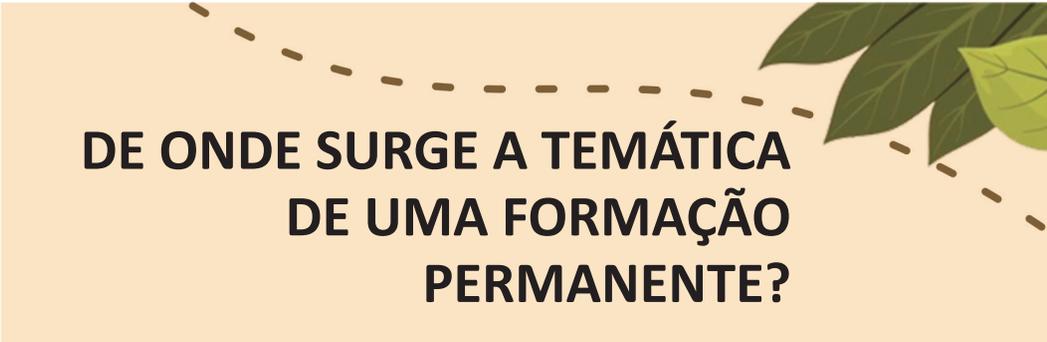
O formador externo, aquele professor ou profissional que vem de outra realidade e traz consigo conhecimento para desenvolver o grupo de professores locais, pode ajudá-los. Porém, segundo Imbernón (2010), este profissional não tem tido sucesso nos formatos de formações continuadas comumente realizados, pois passa a ser utilizado como o técnico que trará consigo uma solução infalível para um problema genérico. No entanto, sabemos que na educação não existem soluções únicas e infalíveis, e muito menos, problemas genéricos e universais. Por mais que observemos que a defasagem de aprendizagem é um problema recorrente em grande parte das escolas brasileiras, ela é causada por inúmeras razões, dependendo do contexto da escola, e até mesmo das turmas de uma mesma escola.

Por outro lado, o mesmo autor afirma que o formador externo, chamado por ele de assessor de formação, pode ser um grande apoio para as escolas. Isto, se esta figura intervir a partir da demanda dos professores, ajudando a solucionar ou encontrar possibilidades das situações problemáticas próprias destes contextos. O formador deverá compartilhar com os professores o seu conhecimento; no entanto, em um modelo de ação-reflexão, sendo um “amigo crítico”, que não prescreve soluções gerais para todos, mas que ajuda, com dicas, a encontrar soluções específicas para os desafios reais do local.

O autor diz que é fundamental que este assessor externo conheça o local, os educadores e as práticas realizadas nas instituições. Sendo assim, ele pode transformar-se em assessor de processo ou em

elemento mediador entre o conhecimento e o grupo (IMBERNÓN, 2001).

Fleck (2010) também nos ajuda a compreender a importância deste agente externo, já que acredita que, quando um coletivo de pensamento (no caso, os professores de uma escola que estudam em conjunto e refletem sobre suas práticas em conjunto) é confrontado com os saberes de um membro de outro coletivo de pensamento (no caso o formador), acontece uma circulação intercoletiva de fatos. Esta circulação reforça as verdades ou “fatos científicos” produzidos dentro de um coletivo, mas também ajuda a forjá-los, transformá-los e enfraquecê-los. Ao mesmo tempo, este trânsito dos fatos científicos auxilia outros coletivos de pensamentos a criarem suas verdades a partir dos conhecimentos que são estudados por este coletivo.



## DE ONDE SURGE A TEMÁTICA DE UMA FORMAÇÃO PERMANENTE?

**D**esde que a formação permanente virou responsabilidade das redes de ensino, sendo citada nos planos de carreira do magistério em forma de horas a serem oferecidas pelas mantenedoras aos seus professores, há uma preocupação dos gestores sobre qual temáticas estes encontros irão abordar.

Obviamente, as redes buscam temas que sejam relevantes ao grupo de professores. Os gestores observam o cenário e tentam

trazer assuntos que estejam vinculados aos desafios que atingem a educação brasileira. A defasagem de aprendizagem, a educação especial, a avaliação dos estudantes, e mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular, são exemplos de temas recorrentes nos eventos de formação permanente. O problema não está na temática em si, mas em como ela foi definida, de que forma os educadores estão envolvidos na escolha e, mais importante, como este tema se vinculará à realidade local. Pois, como já dito antes, a educação especial, por exemplo, se desenrola em vários aspectos, apresenta vários desafios e carrega uma série de possibilidades para inúmeras situações. Dificilmente uma formação generalista se vinculará com o contexto específico da realidade de uma escola, já que são muitas as possibilidades. Para uma maior eficácia desta formação com este tema, é necessária uma conexão e um diálogo com as especificidades locais, o que, de acordo com Imbernón (2010), muitas vezes não acontece.

Portanto, as temáticas devem ser construídas com os professores, definidas e dialogadas com eles. É preciso encontrar mecanismos de escuta dos docentes, construir as formações no “chão da escola”, mobilizar os encontros coletivos a partir das dúvidas e inquietações dos grupos de educadores e, fundamentalmente, conceber formações que sejam dialógicas, que permitam a participação ativa dos educadores, em que eles possam sem ouvidos, trazer suas dúvidas, mas também seus conhecimentos.

Os temas não devem ser definidos para os professores, mas sim, com os professores. Uma formação permanente eficiente deverá primar pela concepção da gestão democrática, tão presente e almejada pelos aportes legais brasileiros. Esta concepção de gestão fica representada pela participação dos educadores no planejamento, condução e avaliação dos eventos de formação permanente das redes de ensino.

## COMO ESCUTAR OS PROFESSORES?

**U**m ponto sensível quando há a intenção de construir uma formação permanente com os professores é a necessidade da escuta destes profissionais pelos gestores educacionais. A escuta é um desafio por vários motivos: distanciamento entre a gestão e os espaços escolares (distanciamento físico e, em alguns momentos, conceitual); grande demanda de trabalho de professores e gestores; displicência em organizar previamente os momentos de formação; inabilidade em selecionar instrumentos adequados de escuta; entre outros.

Para escutar os docentes, é preciso que haja espaço, tempo e o hábito de falar e ser escutado. Antes de elencar instrumentos de escuta, é preciso fortalecer os momentos de estudos do próprio grupo de professores. Muitas redes de ensino possuem, na sua rotina, momentos que normalmente são chamados de reunião pedagógica. Estas reuniões devem ser caracterizadas por situações de estudo, de troca de conhecimento dentro do grupo, de diálogos entre os indivíduos, onde a circulação dos saberes e experiências sejam constantes.

A partir desta rotina de construção de conhecimento, haverá uma maturidade do grupo para a autoformação, para o diagnóstico das necessidades e do que é preciso desenvolver por meio de agentes externos. Nóvoa (2009) já enfatizava a formação de professores realizada pelos próprios professores. Segundo o autor, esta formação não se dá apenas pela experiência prática dos educadores, mas na relação entre as vivências da docência e o conhecimento teórico adquirido ao longo da formação inicial e permanente.

A gestão escolar deve estar próxima, ou mesmo presente nos encontros de construção de saberes das escolas. Assim, estará contribuindo e também percebendo necessidades reais de aprofundamento teórico do grupo. A gestão estará próxima para escutar e criar conexões visando ao planejamento de formações pertinentes para os desafios encontrados. Os encontros de formação permanente de rede começarão a ser construídos a partir das reuniões pedagógicas das escolas, em um contexto de quase indivisibilidade do que se constitui reunião pedagógica e formação permanente.

Com a aproximação entre gestão educacional e grupo docente, os instrumentos de escuta tendem a ser mais efetivos. Na impossibilidade ou inviabilidade de construir uma formação permanente por meio do diálogo real, é possível encontrar caminhos para dar voz aos professores por meio de ferramentas digitais. Durante a formação permanente realizada nesta pesquisa, os professores deram as pistas do que deveria ser trabalhado e discutido; para tanto, algumas ferramentas digitais foram utilizadas.

Como estávamos vivendo o distanciamento social por conta da pandemia da Covid-19, a escuta foi feita por algumas ferramentas da empresa Google, todas elas gratuitas. Os professores escreveram cartas pedagógicas para descrever o que estavam vivendo e sentindo, e enviaram-nas pela plataforma Google Sala de Aula. Neste mesmo aplicativo, utilizaram as caixas de diálogo para escrever o que sentiam e pensavam, quando liam ou assistiam a algum conteúdo disponibilizado pelo formador. Também foi utilizado um aplicativo chamado Google Formulário, no qual os professores puderam escrever o que queriam aprofundar mais no estudo, quais desafios estavam enfrentando e como estavam se sentindo no contexto em que viviam.

Mas toda esta possibilidade de trocas foi possível por dois motivos. Primeiro, pelo fato do professor formador ser próximo ao grupo e

exercer o papel que Imbernón (2001) define como assessor formador, mediando e guiando entre iguais. Segundo, pela abordagem inicial da trilha de aprendizagem já ter sido tematizada e conectada com a realidade que os professores viviam no momento.

Assim, fica evidente que, quando possível, o formador deve aproximar-se do grupo, perceber suas necessidades, compreender o funcionamento da instituição e mediar a construção de conhecimento dos professores. Da mesma forma, é importante o saber contextualizado, conectado com a realidade local. Freire (1983) nos aponta que a educação importada deixa de ser educação, pois não tem relação dialética com seu contexto.

## É POSSÍVEL UMA FORMAÇÃO PERMANENTE DIALÓGICA?



**T**anto Paulo Freire quanto Imbernón nos alertam que a dialética é fundamental para a construção de conhecimento. Da mesma forma, Fleck (2010) nos diz que os “fatos científicos” são construções sociais, forjadas por um coletivo pensante. Sendo assim, se almejamos que as formações permanentes gerem conhecimento e, por consequência, desenvolvam professores e os qualifiquem nas suas ações pedagógicas, é preciso conceber formações dialógicas.

Mas temos dois grandes desafios. O primeiro diz respeito ao formato dos eventos de formação. Uma palestra generalista, sendo apresentada para um grande grupo de docentes, tende a não ser permeada pelo diálogo. Neste modelo, há um palestrante que fala a maior parte do tempo e, raramente, há um destemido educador na

plateia que levanta a mão e dispara uma pergunta ou um ponto de vista. O desafio está em viabilizar outros formatos, já que este atende um grande número de educadores e, teoricamente, com um baixo investimento per capita. Como a disponibilidade financeira é um elemento escasso na maioria das realidades educacionais, o modelo de palestra generalista acaba sendo uma solução.

Para encontrar uma alternativa a esta situação, uma dica é promover mais encontros de formação com grupos menores e mobilizados pelos próprios professores, ou por colegas de outras escolas da mesma rede de ensino. Existem ótimos profissionais em todas as redes, muitos deles com grande experiência e belas trajetórias de pesquisa. Apostar nestes profissionais pode ser uma saída para efetivar formações em pequenos grupos e dialógicas. Pode ainda haver a formação generalista, mas neste caso ela irá complementar o diálogo iniciado nas escolas.

O segundo desafio está ligado à dificuldade ou falta de hábito que os educadores têm em serem participativos nos encontros de formação. Na formação permanente, principalmente na caracterizada pela palestra generalista, muitos elementos lembram a “educação bancária” descrita por Freire (1987). O educador (palestrante) como detentor do conhecimento, os educandos (professores), como atores passivos, disciplinados, quietos, escutando a imposição de saber do palestrante. Este contexto faz com que professores revivam suas experiências como “bons alunos” que foram em suas escolas, moldadas pela educação bancária. Assim, falar, dialogar, participar ativamente não está na consciência lógica destes professores; portanto, pouco falam, pouco contribuem.

Cabe ao formador externo planejar estratégias capazes de fazer com que os professores participem do diálogo de forma natural. Além do que já foi descrito, sobre os professores serem organizadores em conjunto do momento – o que já os colocaria em posição mais

confortável de participação –, o palestrante deve utilizar métodos que coloquem o professor participante como personagem ativo da formação.

As metodologias ativas são boas estratégias a serem utilizadas em formações permanentes. Nesta pesquisa, elementos da “Gamificação”, metodologia ativa baseada no uso de jogos, foram aplicados para que os encontros com os professores ocorressem da forma mais dialógica possível. Com esta estratégia, os professores, de forma natural, prazerosa e divertida, foram criando coragem e participando com perguntas, dúvidas, relatos e conhecimentos. Os jogos foram criados a partir de ferramentas do programa PowerPoint, já que os encontros eram virtuais. Conhecendo o grupo, o formador pode elencar a melhor metodologia ativa que potencialize a participação do grupo.



## DINÂMICAS PARA MOBILIZAR A PARTICIPAÇÃO

**E**ventos de formação permanente de professores, principalmente as formações “standard” (IMBERNON, 2010), possuem certas características relacionadas à postura dos professores participantes. Grande parte consegue permanecer concentrada; muitos fazem anotações em cadernos, conseguem manter o silêncio por um grande período de tempo, e com o gestual da cabeça demonstram concordância ou não a respeito do que está sendo abordado. Mas quando o palestrante faz a temida fala: “Alguém tem alguma pergunta, alguém quer dizer algo?”, sentimos um ar de temor entre os participantes, uma vergonha de falar, de colocar suas ideias em público. Em muitos momentos fica

um certo constrangimento e o palestrante emenda: “Vamos gente, não precisam ter vergonha. Vamos lá, participem!” Mesmo em grupos pequenos de formação permanente, deparamo-nos com esta dificuldade de participação dos professores.

É evidente que, haver uma temática construída junto com os professores, o formador estar vinculado ao grupo e a rede de ensino fomentar momentos prévios de estudo e diálogo, tende a fazer com que o grupo seja mais participativo nos eventos de formação permanente. Mas algumas dicas podem ajudar quando o grupo, mesmo imerso dentro da construção do encontro de formação permanente, tende a permanecer passivo durante a formação.

O formador deve planejar metodologias ativas que fomentem a participação dos educandos. Se o diálogo é entendido como ferramenta para aquisição da aprendizagem, é preciso planejar momentos para que as trocas possam acontecer.

Nos encontros virtuais de formação, como os que foram realizados nesta pesquisa, as estratégias para a participação podem ser definidas pelos seguintes itens:

- **Problematização:** todo encontro era precedido de algum artifício problematizador. Um trecho polêmico de livro, um documentário que trazia questões que mexiam com os professores, foram materiais que convidavam o professor a colocar seu ponto de vista. Aliado a esta estratégia, foi previamente viabilizado um espaço, na ferramenta digital que acompanhava a trilha de formação, para que o participante já pudesse comentar sobre o material e não precisasse esperar até o encontro virtual. Foi grande a participação do grupo nesses comentários.

- **Metodologias ativas (“Gamificação”):** nos encontros virtuais, foram buscados na “Gamificação” elementos que pudessem dinamizar as participações dos professores, de um jeito leve, lúdico, e que ao mesmo tempo os fizesse abordar a temática que estávamos

estudando. Os dois jogos utilizados foram construídos no PowerPoint: jogo das imagens e batalha naval. O interessante foi constatar que os professores se inspiraram nestes jogos para usar a mesma metodologia com seus alunos, depois dos encontros de formação.

- Escuta e valorização dos saberes: a responsabilidade do formador era de sempre estar aberto às contribuições, criar estratégias para que os professores se sentissem convidados a falar e dar retorno aos comentários e contribuições. Estes retornos poderiam ser pela mesma ferramenta virtual utilizada para comentar ou no encontro de formação, planejando a partir do que emergia do grupo, citando contribuições e tematizando a partir do diálogo com o grupo.

Em formações permanentes presenciais, a lógica segue a mesma. É preciso criar maneiras de problematizar o tema, a partir do contexto vivido pelos professores. Apoiar-se em metodologias ativas para desenvolver a formação continuada, colocando os educandos como protagonistas no processo, e não apenas como espectadores, passivos à imposição de saber do formador. E, por fim, criar canais e momentos de escuta e troca de conhecimento, realizando a mediação dos saberes que são compartilhados pelo grupo. O professor José Moran (BACICH; MORAN, 2017) nos ajuda a compreender como as metodologias ativas podem ajudar no processo de aprendizagem. Além da “Gamificação”, o autor cita o Peer Instruction, o PBL – Project Based Learning (aprendizagem por meio de projetos ou de problemas); o TBL – Team-based Learning (aprendizagem por times) e o Study Case (estudo de caso).





## **BERGAMOTEIRA: OS RESULTADOS DE UMA FORMAÇÃO PERMANENTE DIALÓGICA**

**Por Pablo Silveira e Viviane Maurenre**

**A**o longo da trilha de formação com os educadores participantes da pesquisa, os encontros tinham nomes que remetiam a uma caminhada ao alto de um morro. Este roteiro tematizado objetivava aproximar-se do contexto dos educadores, pois, conhecendo-os e analisando o cenário de isolamento social, um tema ligado à natureza e ao esporte se conectaria ao imaginário dos docentes. Havia o módulo Caminhada, o Escalada, o Mochila e o Vista. Mas um módulo teve um “sabor” especial: o módulo Bergamoteira.

Na Bergamoteira, todos os participantes eram convidados a indicar filmes, livros, documentários que tivessem relação com o que vínhamos estudando. Mas, além disso, poderiam indicar qualquer coisa que eles imaginassem que poderia ser interessante para o grupo. O módulo era como uma grande bergamoteira, que estava ali, no meio da trilha, e que tinha belas bergamotas, onde cada um poderia parar e deliciar-se com as belas frutas em forma de livros, histórias, vídeos, etc.

O grande êxito do módulo deu-se em reafirmar aos participantes que todos tinham a possibilidade de compartilhar conhecimento. Este não estava na mão do formador ou em materiais que apenas o formador fornecia, mas sim, estava na partilha do que cada um tinha de saberes.

Por isso, é importante em uma formação permanente a valorização e partilha dos saberes que o grupo de professores da rede possui. Cada integrante guarda consigo uma vasta experiência prática, soluções para vários desafios com os quais já tenham se deparado, repertório de cursos e leituras; portanto, temos que deixar estas “bergamotas” à disposição de todos.

Esta pesquisa trouxe belos resultados: apresentou aos docentes possibilidades que depois foram utilizadas por eles com seus alunos, reconheceu os saberes dos próprios educadores, valorizando-os, e isto foi apontado pelos mesmos como ponto alto da formação. Os materiais a serem estudados, o formato dos encontros, o tema a ser dialogado, foram sempre construídos de forma coletiva, com participação efetiva dos professores, o que foi avaliado como positivo.

Foram trinta e uma horas de formação permanente, caracterizada pelo diálogo, pela problematização contextualizada e pela valorização dos saberes locais. A formação trouxe resultados, alguns concretos, alguns conceituais; mas um dos mais importantes foi “dar voz” aos educadores, no momento tão desafiador em que se encontravam: o isolamento social em virtude da pandemia da Covid-19. Esta voz foi ouvida de várias maneiras, mas uma das mais marcantes foram as cartas pedagógicas enviadas pelos educadores sobre o momento que estavam vivendo.

Você, leitor que vem nos acompanhando até aqui, poderá ler na segunda parte deste e-book algumas destas cartas pedagógicas, que retratam um momento único vivido pela humanidade, pelo olhar dos educadores de uma cidade da Serra Gaúcha.



# CARTAS PEDAGÓGICAS

**A** segunda parte deste e-book reserva um conteúdo muito interessante. Fruto de uma formação permanente que não buscava apenas levar conhecimento para os professores, mas sim, que fosse um canal de escuta, de partilha de saber. Uma formação em que todos pudessem aprender com todos e, ainda, mobilizar outras pessoas a viverem a educação intensamente.

Uma das estratégias para se aproximar do grupo de professores, conhecê-los um pouco mais e poder ter ideia de como eles estavam lidando com o distanciamento social imposto pela pandemia, foi a utilização de cartas pedagógicas. Como estávamos envolvidos com as ferramentas digitais, nossas cartas não foram à moda antiga, enviadas pelo correio; até porque, ir aos postos de correio não era seguro, nem permitido durante o distanciamento. Portanto, nossas cartas foram virtuais.

Mas o interessante, e talvez a novidade, é que mesmo acostumados a escreverem diariamente nas redes sociais, escrever uma carta

pedagógica foi algo que muitos não faziam há algum tempo. Assim, relatar como estavam passando a pandemia, como enxergavam a educação, como viveram a formação continuada, serviu como um alento para muitos professores.

Esta parte do e-book é um misto de drama, comédia, angústia, incertezas, e ao mesmo tempo, uma riqueza de relatos que traduziram em palavras um acontecimento histórico no mundo. Os autores dos textos são citados nas referências deste e-book; porém, por se tratar de textos que foram utilizados na pesquisa, seguiu-se aqui a conduta do anonimato. Portanto, não há referência a qual das cartas pedagógicas cada autor escreveu. Ao mesmo tempo, foram suprimidos trechos das cartas em que poderiam ser identificados os autores, o que não diminuiu em nada a força dos relatos. A maioria das cartas pedagógicas aqui inseridas são de educadores do município pesquisado; no entanto, esta mesma formação, experimentada e desenvolvida neste município, foi vivenciada em outras três cidades, respeitando os contextos e protagonismo de cada local. Por isso, neste e-book há uma carta de cada uma destas outras redes também.

Para nomear as cartas pedagógicas, foram usados nomes de variedades de bergamotas. A escolha de nomear os textos referindo-se às bergamotas deu-se pela representação desta etapa dentro da formação. Como escrito anteriormente, o módulo Bergamota, na formação, tinha o intuito de ajudar o colega professor com dicas. Era um módulo sem regras, onde a única meta era compartilhar conhecimento. As cartas pedagógicas seguem a mesma linha; é a possibilidade de compartilhar suas experiências, como uma bergamoteira compartilha seus frutos com quem desejar apreciá-los. Nas cartas a seguir, aprecie cada uma das variedades de bergamotas ali presentes, deguste-as e aproveite o saber/sabor que cada educador está compartilhando por meio das cartas pedagógicas que foram escritas.

A partir de agora você poderá compreender a pandemia e o trabalho docente pelos olhos e palavras de educadores de escolas da educação básica situadas na Serra Gaúcha.

## CARTA MONTENEGRINA

*Caros colegas professores!*

*Tempos diferentes, esses de pandemia e distanciamento social, hein? Tempos de encruzilhada e, talvez por isso, ainda mais, tempos de possibilidades diferenciadas. Mas será que são tempos de mudança?*

*A resposta, meu amigo, está soprando ao vento, como diria Bob Dylan em sua celebre canção *Blowin' in the wind*.*

*O mundo, e o nosso lugar nele, não são tarefas simples de serem compreendidas. E pode-se dizer que, hoje em dia, isso pareça ainda mais difícil, afinal experimentamos, enquanto sociedade, um ritmo alucinado de intensas transformações em um curto espaço de tempo. Há autores que chegam a falar, dado o complexo processo tecnológico, em diferentes modos de relação entre homem e natureza. Alguns nomeiam tal transformação de terceira revolução industrial, outros já optam pela ideia de indústria 4.0, há ainda os que chamam de pós-modernidade, e outros mais que a nomeiam como modernidade tardia. Enfim, o que todos esses enquadramentos teóricos dão conta de evidenciar é que se trata de uma sociedade extremamente diferente daquela que, até bem pouco tempo atrás, aí estava.*

*Nos aspectos que facilmente enxergamos, fica evidente que se trata de uma sociedade dotada de grandes problemas, tanto maiores nos países capitalistas periféricos, onde a desigualdade social é maior, e a maior das agruras. Evoluímos tecnologicamente, mas de novo, enquanto seres humanos e na nossa relação com a natureza, ou seja, nos princípios éticos, estamos falhando. O planeta pede socorro e o bicho homem continua reproduzindo um sistema de consumo que, por si só, não se sustenta. É lixo e mais lixo, é derretimento das calotas polares, efeito estufa, plásticos por todo o lado, desmatamentos, etc. E a resposta, te parece estar soprando ao vento, ou não?*

*A pandemia colocou, em certos momentos e em certos locais, em isolamento*

*social acima da faixa dos 70% da população. Logo, ela deu conta de mostrar que podemos viver sem um ritmo alucinante de produção. Afinal, cabe lembrar que cada peça, cada parafuso, cada tijolo, cada roupa, cada cadeira, cada alimento, enfim, qualquer que seja o produto, carrega em si a natureza: “nada se cria, tudo se transforma”. De que forma podemos pensar uma sociedade mais justa, igualitária e não mais amparada no consumo e produção em massa, é um desafio bem grande, porém necessário hoje; afinal, a sobrevivência de nossa espécie e de nosso planeta depende disso.*

*Na educação, já temos indícios de para onde o barco deva velejar, e as discussões realizadas em grupo, a exemplo do que ocorreu com os professores (...), são as mais profícuas no sentido de apontar para esse norte, esses caminhos. A própria BNCC, ao destacar as competências gerais como parâmetro último da educação, já dá sinais de que é preciso sair de um modelo de educação reprodutora, a qual ainda segue os moldes da indústria de produção em massa.*

*Tempo controlado, tempo de banheiro, tempo de beber água, uma pessoa em frente a outras trinta pessoas, onde só essa pessoa fala, comanda, e os outros baixam a cabeça e seguem as ordens, repetindo inúmeras vezes aquilo que foi ordenado. Isso é exemplo de uma fábrica aos moldes da produção fordista ou uma escola com aulas tradicionais?*

*Tanto faz, são sinônimos de uma mesma lógica. Afinal, tanto nessa fábrica, quanto nessa escola, o que está em jogo é o produzir por produzir, ou reproduzir por reproduzir. Controla-se inteiramente o corpo, o tempo, a produção.*

*Meus caros colegas, urge o tempo de um outro modelo de Educação, essa, com letra maiúscula mesmo. Os desafios são grandes, sem dúvida, mas é preciso coragem para arriscar e mudar. Conteúdos conectados com a realidade e as experiências é que são significativos e desafiadores. Quando significativos, o tempo já não é mais para ser “matado”, ele é pra ser vivido, experimentado. Nesse sentido, também não há aula de mente sem que o corpo de fato participe; portanto, 3 horas e 40 minutos sentados e 20 minutos para estar de pé e “descansar”, também não são efetivos. OK, a própria estrutura das escolas foi projetada dentro de um modelo de sociedade de consumo e produção em massa;*

*mas há, sim, como fugir dos parâmetros que nos cercam e amedrontam.*

*Projetos interdisciplinares, humanização nas relações quebrando com as relações de poder estabelecidas, decisões conjuntas e democráticas, experiências que conectem a escola com seu entorno, corpo e mente em uma visualização integrada, cooperação... enfim, tempos de pandemia nos alertam de que algo está soprando ao vento. Esperamos que muitos ouçam as necessidades de mudança!*

## **CARTA PONKAN**

*Querido colega educador!*

*Escrevo-lhe esta carta para contar-lhe um pouco sobre a real situação em que estamos vivendo atualmente e que jamais imaginávamos passar um dia. Estamos vivendo uma pandemia (Covid-19), o que fez com que tivéssemos que nos afastar da escola, alunos, colegas, pais, amigos, familiares... Fez com que tivéssemos que estar distantes de tudo e de todos, estando ligados apenas através de “um fio invisível”. Enfim, o contexto exigiu de toda a sociedade um distanciamento social, e isso gerou uma mudança brusca na rotina de todos nós. Esse distanciamento colocou-nos em uma situação difícil, em que, enquanto educadores, não sabemos a maneira ideal para agir e seguir em frente. Em razão da suspensão das aulas, precisamos adaptar-nos a ferramentas virtuais, preparar atividades que mantenham os alunos estimulados, estar disponíveis para esclarecer dúvidas, e ao mesmo tempo, cuidar da nossa casa, da nossa família... O nível de estresse e ansiedade estava no limite, pois foram muitas coisas novas que tivemos que aprender em tão pouco tempo.*

*Com todas essas transformações, vieram as incertezas e as angústias. Diante disso, foi-nos oportunizada uma formação continuada, em que foi possível uma troca de experiências e informações com colegas educadores do município de Linha*

*Nova. Foi um momento de aprendermos juntos. Antes, eu estava tentando lidar sozinha com esses sentimentos, mas percebi que estamos todos na mesma situação. Esse é um momento de aprendermos juntos, cuidarmos do outro e olharmos a ferramenta tecnológica como nossa aliada, possibilitando o acesso à aprendizagem.*

*A pandemia trouxe muitas situações que impactarão completamente a realidade dentro da escola no nosso retorno. Teremos que estar preparados e nos adaptar.*

*Abraços!*

## **CARTA MORGOTE**

*Ivoti, 19 de maio de 2020.*

*Caros educadores!*

*Março foi um mês de surpresas. Tivemos que nos distanciar, pois, aqui no Brasil, começavam a surgir os primeiros casos de Coronavírus Covid-19. A pandemia, que batia na porta de vários países e que nos parecia tão distante, veio bater em nossa porta também. Foi-nos informado oficialmente que era hora de se isolar, deixar as nossas salas de aula ou, como a nova BNCC define, nossa sala referência. Dizíamos “até logo” para nossos alunos, para nossas crianças, sem saber se o até logo seria tão curto como a frase se refere. Os balanços da escola balançavam com o sopro dos ventos, ouvíamos o som das correntes enferrujadas rangendo, o som da goteira do bebedor, o telhado da escola estralar, os pássaros a cantar, e ao mesmo tempo não ouvíamos mais nada. Tudo tão vazio, tão silencioso... Os corredores onde vivíamos pedindo silêncio, viraram um espaço desocupado... Ah, que saudades de ver as crianças correndo, fazendo barulho, bagunça, ouvi-las cantando, gritando, brincando e se lamentando por ter perdido um jogo, uma bola, um lápis, etc.*

*E foi-nos passado que teríamos que nos reinventar, lecionar de outra forma, e para essas palavras bonitas, perante o novo modelo de educação, foi se dando o nome de aulas remotas. Aulas remotas? Planejar, executar, em casa, via internet. No nosso dia a dia tentávamos trazer a tecnologia para dentro da escola nas nossas aulas presenciais, o que muitas vezes parecia ser impossível. Teve que se tornar o possível. No começo, juro, não foi fácil para mim, pensar em aulas EAD no ensino infantil! Mas aos poucos fui me adaptando à nova realidade e tentando aceitar que faria o que estivesse ao meu alcance. Gravei e editei vídeos, “penei” para aprender, e quem disse que mudança é algo fácil? Mas nessas novas vivências, pude fazer o que antes não fazia, pelo simples fato de não ter tempo. Ahhh, quase iria esquecer de falar do tempo! Este, agora, eu tinha de sobra, para inventar e mirabolar coisas para minha vida profissional e pessoal.*

*Tive tempo para me aperfeiçoar, assistir a lives e realizar cursos online, sendo um deles de formação continuada (...) da Trilha ao Alto do Morro. Tivemos textos, vídeos e encontros riquíssimos, que possibilitaram-nos mergulhar profundamente no ensino remoto, na educação em tempos de pandemia. Pudemos nos aprofundar no que diz respeito à metodologia de projetos, perante nossa situação atual e perante o possível retorno às aulas. Tantas dúvidas e incertezas, mas com a certeza da grandeza da nossa profissão, em que sempre podemos contar uns com os outros. Nessa formação não foi diferente. Uns ajudaram os outros nesse percurso, e ficou o sentimento de que podemos alcançar o topo da montanha quando temos um ombro amigo ou alguém para nos guiar. Muitas coisas ficarão na memória: encontrar nossos colegas queridos dentro de uma telinha de celular, e fazer desse encontro um momento de crescimento. Assistir a vídeos e ler textos que nos amparassem e ver que todos estamos um pouco perdidos, fez ver que ainda somos humanos, feitos de carne e ossos. Temos dúvidas e jamais teremos as respostas para tudo.*

*Enfim, sinto-me lisonjeada em poder participar e grata por poder viver essa experiência.*

*Um forte abraço!*

## CARTA MARISOL

*Caros colegas, educadores em geral!*

*Eu me chamo (...). Sou professora há seis anos, mas trabalho na Educação Infantil, em sala com crianças, há dezoito anos.*

*Venho por meio desta carta contar um pouco sobre minha vida durante a pandemia do Coronavírus. Estamos em casa, meu filho e eu; meu marido continua trabalhando normalmente. Desde os primeiros dias até agora, tanto meu filho quanto eu temos atividades escolares diárias para realizar. No início foi bem difícil, praticamente não sair de casa, e ao mesmo tempo, muitas coisas para fazer. Tivemos bastante dificuldade de nos organizar. Além da dificuldade de me organizar, eu tinha muitas dúvidas: O que fazer? Como fazer? Fui recorrer aos colegas, e todos os quais consultei me ajudaram. O que acabou aliviando um pouco a ansiedade do começo. Eu tinha que, junto com minha colega, planejar propostas de atividades para uma turma de Berçário, com crianças de quatro meses a dois anos. Tínhamos muitas dúvidas e receios do que podíamos pedir e esperar dos pais, pois em uma turma de Berçário precisamos, com certeza, da ajuda deles.*

*Durante esse processo começou uma formação continuada (...) e através dessa formação percebi que estávamos no caminho certo. Pois nesta jornada, com bastante leitura, vídeos e conversas, percebi que não há certo nem errado em tempo de distanciamento social, onde todos estão tentando dar o seu melhor para que tudo possa voltar da melhor maneira possível. Entendi que as propostas enviadas para as crianças não são extremamente para que aprendam e se desenvolvam, e sim para que elas, juntamente com suas famílias, possam viver e registrar bons momentos, mesmo que talvez o momento não seja tão bom assim.*

*Espero que você aí, que está lendo estas singelas palavras e está dando o seu melhor todos os dias, mesmo que à distância, saiba que a educação sempre será um fator de suma importância, mesmo que seja de longe e em tempos de muitas dificuldades. Talvez seja na dificuldade que mais se aprenda!*

*Com Carinho e muito Respeito.*

## CARTA PARECI

*Linha Nova, 28 de Maio de 2020.*

*Querido Educador...*

*Aqui, sentada na minha casa, no dia... sei lá da quarentena, me pego pensando... Estou com saudades de nossas conversas e de nossos debates na sala dos professores, dos nossos “chimas”, das nossas brincadeiras, dos nossos segredos compartilhados, das nossas hipóteses sobre o destino das nossas próximas férias, enfim... do nosso convívio diário na escola... Mas sabemos que é um período de resguardo e de cuidados... em que a vida e a sua preservação, é o mais importante!!!*

*Primeiramente estava meio por fora do que realmente era essa pandemia, e assim ia seguindo vida normal! Até que um murmúrio foi ganhando força e voz na mídia, pessoas morrendo em centenas diariamente, a “coisa” se aproximando... “fecha escola”, “fecha comércio”, “fecha isso, fecha aquilo”... De uma hora para outra tínhamos que planejar não para a semana seguinte... e sim para duas semanas, andávamos nas ruas com medo, não abraçávamos os amigos, usávamos mascarar... Nunca se usou tanto álcool em gel... nunca se falou tanto em higiene... vindo decretos... fecha-se tudo!*

*De uma hora para outra, o celular, que antes era tão distante de ser usado em sala de aula, virou nossa principal ferramenta de trabalho... Não tínhamos a tão amada máquina de xerox (onde, em questão de 30 minutos, tínhamos aulas separadas por muitos dias), e a pesquisa mais usada na internet é... “como dar aula sem usar folhas???” (...) Ah, ainda tem a casa (comida, roupa, limpeza), tem o marido... e tem as imensas saudades dos familiares, pois são do grupo de risco e não podemos fazer visitas!*

*Aí vem a questão psicológica: se eu sair de casa e pegar o vírus? Então fica em casa! Quando voltamos a trabalhar? Como vamos fazer na hora do sono? Na hora do refeitório? Como vou fazer para pegar e cuidar dos meus alunos quando eles chorarem, sem os colocar no risco? Aí de novo briguei com o (...) (sou a pior mãe do mundo), hoje não tinha vontade de fazer atividade com ele (se não fizer,*

*vai atrasar), só fiz de almoço massa com sardinha... o guri vai ganhar anemia... não planejei para semana que vem (o prazo era ontem)... Enfim, a cobrança vem de todos os lados, e muitas vezes, principalmente de nós mesmos... Já falei da questão econômica? Milhares de pessoas estão perdendo o emprego? Isso é um monstro que só está crescendo!*

*Então, no meio disso, a SMEC nos oferece uma formação continuada, onde ao longo de quatro semanas podemos debater, conversar, “ver” e “ouvir” vocês, colegas educadores! Onde a saudade é amenizada ao sentir que estão todos bem e se cuidando! Onde, por vezes, a emoção se fez presente, por ver aqueles com que convivemos diariamente, “somente através da tela”... Porém, juntos refletimos que, de certa forma, somos, sim, abençoados, pois ainda temos comida sobre nossa mesa, ainda temos saúde e temos uns aos outros para nos apoiarmos... E agora, aqui em cima do morro, olhando a cidade, tão bela, as paisagens verdes e coloridas, a brisa batendo no rosto... acredito que sim, nossos medos são preocupantes, que isso nos assusta e que muitas vezes entramos em desespero, porém sinto que ao dividir minhas expectativas e contar sobre minha rotina e realidade, sinto de todo o coração que não estou/estamos sozinhos. Que isso assusta muitas pessoas, mas que o principal e mais importante ... é nunca perder a fé e a esperança de dias melhores... pois eles virão! Podem demorar (torço sinceramente para que não), mas eles virão! Que sejamos pessoas melhores e mais humanas ao final de tudo isso!*

*Para encerrar essa carta, lhe digo: “Urgente: nosso planeta precisa de uma pandemia do amor” (Andrew Amaurick).*

*Um grande abraço! Com carinho,*

## CARTA CLEMENULES

*São José do Hortêncio, 27 de maio de 2020.*

*Prezados educadores,*

*Escrevo esta carta para lhes contar como fomos desafiados a percorrer essa jornada pelo conhecimento através de uma formação virtual. Foi um percurso maravilhoso, cheio de desafios e com uma metodologia muito interessante e inovadora, pois a mesma veio nos auxiliar durante esse período de incertezas e angústia. Período este que exigiu de toda a sociedade uma mudança brusca da rotina, em que nós professores tivemos que criar estratégias e novos arranjos que não estavam previstos, como aulas online e organização de atividades para o tempo de pausa.*

*Durante a nossa jornada, realmente conseguimos nos aventurar pelos caminhos da educação. Com nossas mochilas preparadas, realizamos uma escalada e uma bela caminhada, onde, além de rever os colegas, conseguimos construir e realizar muita troca de conhecimentos e estreitar ainda mais os laços, mesmo cada um estando em sua casa. Durante o percurso partilhamos os nossos medos, nossas preocupações, dúvidas e incertezas, e nessa troca de ideias percebi que todos buscavam uma nova forma de se adaptar e dar uma continuidade significativa ao que desenvolvíamos em sala de aula, refletindo e buscando alternativas e soluções para a atual situação.*

*Nessa caminhada percebi que o caminho mais competente, no momento, além da calma, é repensar o olhar do nosso trabalho, mantendo uma parceria entre escola/família, em que ambas possam apoiar-se com o objetivo de produzir o menor impacto prejudicial nos âmbitos social, cognitivo e emocional de nossas crianças.*

*Devo ressaltar que, como aventureira dessa incrível jornada, os conhecimentos compartilhados e construídos foram de grande valia para refletir sobre minha prática, principalmente no que diz respeito ao retorno das crianças à escola, quando deveremos proporcionar um ambiente acolhedor, principalmente de escuta, considerando suas experiências durante a pandemia. E nessa percepção*

*de expressar os seus sentimentos e observar o que se torna mais significativo para o momento, poderá surgir um projeto, que seja do interesse e das necessidades da turma.*

*Para encerrar essa carta, apresento meus sinceros agradecimentos pela oportunidade de participar desse curso, que veio ao encontro das nossas incertezas e nos deu uma visão de como continuarmos e enfrentarmos essa realidade que estamos vivendo.*

*Dessa forma, sugiro aos educadores que tiverem a oportunidade de seguir essa jornada tão significativa, com tantas possibilidades, aproveitem, pois após toda essa caminhada, a vista do alto do morro nos permite um conforto e uma sensação de que pode ser difícil a batalha, mas com apoio de todos e perseverança, nunca é impossível chegar ao topo e aproveitar a vista.*

*Desejo, assim, sucesso a todos!*

*Atenciosamente,*

## **CARTA DEKOPON**

*Linha Nova, 27 de maio de 2020.*

*Prezados educadores e prezadas educadoras do Brasil,*

*Neste momento de isolamento social, muitas são as incertezas, angústias e aflições enfrentadas pelos professores brasileiros: necessidade do distanciamento social, reflexão sobre nossas ações, mudança da nossa vida e rotina, medo do contágio pelo Coronavírus, stress, pressão, cansaço, dificuldades com as tecnologias, enfrentamento ao desconhecido, entre outras tantas questões. Ninguém sabe ao certo o saldo que esta pandemia irá deixar em nosso País, mas já se contabilizam milhares de mortos, uma grande crise financeira está iniciando, o desemprego irá*

*atingir muitas famílias e muitas outras preocupações rondam o povo brasileiro.*

*Também na Educação, as consequências da suspensão das aulas e do distanciamento social deixarão muitas marcas. Com certeza, haverá muitos obstáculos a serem superados. Mas, ao invés de falar unicamente dos problemas, prefiro abordar esses impactos sob outro olhar.*

*Muitos falam em “perda” do ano letivo; sim, talvez seja necessário repetir cada série em 2021. Mas coloquei a palavra perda entre aspas, pois um ano não se perde; 2020 está trazendo inúmeros novos aprendizados, novas formas de ensinar e aprender, maneiras inusitadas e antes impensáveis de continuação das aulas e de manutenção dos vínculos com os alunos.*

*Em um ano no qual iria experimentar-se a implantação da BNCC e realmente ver como isso funciona na prática, a pandemia mudou este rumo e agora vemos a necessidade de todos precisarmos nos reinventar, principalmente quando retornarmos (se isso realmente ocorrer ainda este ano). Provavelmente, teremos que selecionar quais competências e objetos de aprendizagens serão mais “prioritários”. Certamente muitos professores irão repensar suas práticas e ministrar suas aulas com um olhar totalmente diferente de antes.*

*As relações com familiares, amigos e colegas serão diferentes. Acredito que este distanciamento veio para mostrar o quanto necessitamos de abraços, ombros amigos, ouvidos para desabafar.*

*Em meio a este cenário, a participação na formação continuada (...) foi uma oportunidade ímpar de usar o tempo em casa para construir aprendizagens e refletir sobre muitos temas.*

*No início da pandemia, eu me sentia muito desacreditado da ideia de darmos seguimento às aulas remotas. Em um depoimento dado no início da formação, afirmei que esta não é a melhor forma de conduzirmos nossos ensinamentos, principalmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, em que as crianças precisam da figura do professor e aprendem muito na interação diária e direta. A audição da pronúncia das palavras, a observação da entonação e da expressão corporal do professor e a interação com o educador e seus colegas, são elementos fundamentais para aprender uma língua estrangeira.*

*Entretanto, em virtude das circunstâncias, também tive que aderir ao novo e ensinar de maneiras antes impensadas. Eu, pessoalmente, passei a gravar vídeos, áudios, escrever arquivos explicativos, procurando deixar as tarefas contextualizadas e adaptadas à realidade das famílias; bem como montar tarefas simples, dinâmicas, que fossem significativas e prazerosas aos alunos. Nunca sabemos se aquilo que planejamos vai dar 100% certo, se todas as famílias irão entender e aderir, e se estamos agradando... Muitas vezes nos sentimos um grãozinho de areia em meio a este mundo imenso.*

*A partir das leituras, vídeos, debates e trocas de ideias proporcionadas pela formação (...) pude perceber que muitas pessoas também compartilham das mesmas aflições que eu. De certa forma, ver que grandes pensadores da Educação Nacional têm as mesmas incertezas, serviu para me tranquilizar um pouco e me fazer entender que estamos todos juntos nessa missão de refletir sobre tudo que está acontecendo e construir aprendizado destas vivências.*

*Em muitos momentos antes da eclosão da Covid-19, a relação dos professores com as famílias era bastante distante; porém agora precisamos nos comunicar quase que diariamente. Um momento que me marcou muito e sobre o qual refleti durante a formação se remete ao Dia da Família na Escola, em 2019. Naquela ocasião, organizamos estações de “aproximação” entre pais e filhos, com brincadeiras de integração, vídeos reflexivos, entre outras dinâmicas que tinham por objetivo conectar um pouco mais pais e filhos. No início deste isolamento, muitas propostas, de diversos professores, também seguiram por esta linha: realizar brincadeiras dentro e fora de casa, produzir receitas, plantar alguma flor ou verdura, confeccionar algum objeto... Agora, nós, professores, não estamos mais junto aos alunos para conduzir as atividades. Em quase todos os lares, neste momento depende dos pais a real condução das tarefas.*

*Está sendo muito gratificante ver como a grande maioria das famílias intensificou a aproximação entre si. Mesmo que o celular ou o notebook estejam sendo usados muito mais do que antes (porém, mais para fins educativos), as brincadeiras, interações e conversas olho no olho também aumentaram consideravelmente. Tenho certeza de que muitos filhos conheceram seus pais*

*somente agora, e vice-versa. E isso irá se refletir nas relações e criação dos filhos de uma forma totalmente nova daqui pra frente.*

*No atual momento, estou mais tranquilo em relação às propostas enviadas aos alunos, pois tive retornos muito positivos, que me mostraram que as crianças estão construindo conhecimento em casa e que minhas aulas foram significativas. Porém, o que me preocupa bastante é como esses alunos irão voltar para as escolas. As demandas serão outras, as relações serão diferentes, o ensino precisa ser reciclado, tudo será diferente.*

*Senti-me muito bem fazendo a formação e aprendi muitas coisas novas: nunca tinha acessado o Google Classroom, aprendi a enviar arquivos pela plataforma educacional, pela primeira vez participei de uma videochamada, fiz inúmeras leituras muito interessantes, conheci um pouco mais meus colegas de “turma” e a mim mesmo.*

*Algo que me chamou muito a atenção e que procurei pesquisar mais, foi a metodologia da sala de aula invertida e ensino híbrido. Acredito que esta prática fez todos os participantes serem muito mais ativos na formação, ao invés de apenas ouvintes, como geralmente acontece nos encontros e formações presenciais. Pretendo experimentar a metodologia da sala de aula invertida também nas minhas práticas escolares.*

*Descobri que o ensino à distância é muito desafiador e exige grande necessidade de organização. Como as propostas ficam disponíveis na sala de aula on-line, o cursista decide a hora de acessar e fazer suas tarefas. Se alguém não se organiza e deixa tudo para a última hora, pode ter dificuldade em cumprir os prazos, afora outras dificuldades que podem ocorrer (imprevistos, falta de internet, etc). Se já é difícil para nós, adultos, com toda uma trajetória desde a formação acadêmica e experiências profissionais que nos obrigam a aprendermos a ser organizados e regrados, imagine como está sendo isso para os alunos e suas famílias, que não estavam habituados a essa rotina! Fiquei pensando bastante sobre isso e penso que me tornei um pouco mais tolerante em relação ao cumprimento de prazos de entrega e em não exagerar na exigência das tarefas. Sabe-se que muitos pais não estão em casa durante o dia e, nos únicos momentos que têm com as crianças à noite ou nos*

*fnais de semana, não conseguem dar conta de tudo que é proposto pela escola.*

*Não está sendo fácil para ninguém, mas as mudanças e impactos da pandemia obrigaram todos a encontrarem novos caminhos e novas possibilidades. Estamos juntos nessa jornada!*

*Finalizando esta carta, reflito sobre a virada de ano, quando sempre fazemos votos de um novo ano próspero, com muita saúde, paz, alegrias... Quem diria que 2020 viria bagunçar todas as projeções e fazer a gente literalmente “parar” pra pensar? Temos duas opções: ou ficamos desesperados com toda essa situação, ou aproveitamos dela para crescer. Prefiro a segunda alternativa.*

*Fiquem bem! Se puderem, fiquem em casa!*

*#JuntosContraOCoronaVirus*

*Saudações fraternas,*

## **CARTA DANCY**

*Carta aos educadores:*

*Queridos colegas!*

*Nunca, em nenhum momento de nossas vidas, passamos por isso... O cenário é quase o de uma cidade “fantasma”, salvo por alguns poucos que, seja por necessidade ou por teimosia, transitam pelas ruas hoje pouco movimentadas. Saudações são, agora, acenos de mãos, um ligeiro sinal positivo com o polegar... O sorriso hoje vem do olhar, as máscaras impedem de observar a expressão facial por completo. Já não temos mais planos e, se os tivermos, não há mais certezas. Tanto já se falou, tanto já se escreveu sobre o grito da Terra, sobre a destruição do planeta, sobre o descaso com a vida... A palavra de ordem sempre foi “consumir”,*

*havia abundância e fartura. Equívoco!*

*E agora o encontro é comigo mesma. Estou eu, aqui, sentada sozinha, escrevendo para meus colegas de profissão. Uma profissão de tantos encontros, de tantos abraços, de tantas rodinhas de conversa. Agora, isolados, mas não descompromissados, tentamos nos conectar de qualquer jeito; nada nos impede de seguirmos, de mantermos contato, de nos relacionarmos, de continuarmos em frente, ensinando, aprendendo, rindo, chorando, vibrando, mesmo que virtualmente. Também é bom?! Sim, também é bom! Lemos mais, analisamos mais, refletimos mais, disponibilizamo-nos mais para novos cursos, novas formações, novos currículos, novos saberes. A aprendizagem é tão boa quanto a presencial? Não sei... talvez seja até melhor! A aprendizagem agora está envolvida num outro viés: cheirinho de casa, acolhimento de familiares, gostinho de natureza, de atenção, de redes sociais liberadas kkkk... sim, nunca se “mexeu” tanto nestas teclinhas como neste momento de nossas vidas.*

*Também, nossas formações tiveram de ser modificadas: encontros on line, vídeos de palestras, leituras metodológicas, encontros controlados e seguros, com distanciamento saudável, trocas de mensagens, e até um passeio de trilha virtual, pelas montanhas kkk... Bom também! O professor empenhou-se para oferecer uma formação leve, dinâmica, diferenciada, mas sem perder o foco educacional: acrescentar bagagens/referências, oferecer novos subsídios e ferramentas em prol do nosso objetivo maior, nosso aluno. Com uma metodologia de trocas, oportunizou que mestre e aprendizes pudessem ensinar aprendendo ou aprender ensinando, com a melhor didática que já se fez: as trocas. Segundo o mestre Freire, “todos trazem uma carga de conhecimentos”.*

*E, assim, despeço-me desta carta, tentando viajar pelas minhas palavras ao encontro de minha profissão: levar encanto, coragem, disposição permanente para a luta. Luta pela vida!*

*Com carinho, da colega de profissão, mas sobretudo, da amiga*

## CARTA LEE

*Caros colegas educadores de “Marte”,*

*Primeiramente, minhas saudações!*

*As coisas por aqui não estão fáceis. Estamos sendo assolados por uma pandemia fora de controle, que está levando à morte centenas de pessoas. O caos se instalou já faz mais de quatro meses. É um vírus com alta capacidade de disseminação pelo ar, que mata em pouco tempo, principalmente os idosos e os imunodeprimidos.*

*A Sars-Cov-2, como é chamada esta doença, é transmitida pelas gotículas de saliva que são lançadas pelo ar, seja através do espirro, pela tosse ou mesmo pela conversa. Ela não tem cura e o seu tratamento requer muitos cuidados. Os doentes ficam internados por no mínimo quinze dias em unidades de terapias intensivas (UTIs), nos hospitais. Por isso, a melhor prevenção é o distanciamento ou o isolamento social, no qual as pessoas estão sendo estimuladas a ficarem em casa por um longo tempo, até as autoridades sanitárias encontrarem alguma forma de tratamento mais eficiente ou a proteção imunológica através de vacina específica.*

*Este fato gerou, mais especificamente na educação, algo que jamais, pelo menos ao longo da minha geração, tínhamos vivido: a educação virtual, de longe, à distância, sem o contato físico entre os alunos e os professores... Tal mudança exigiu adaptações e aprendizados de ambas as partes. Ela exigiu, também, que buscássemos estratégias para nos aproximarmos do nosso alunado “de longe”.*

*Mas como nos aproximar “de longe”? Com certeza, muitos questionamentos surgiram; afinal, não estávamos preparados para isso! Ninguém nos ensinou a dar aulas à distância. Estávamos dando alguns passos, ainda vacilantes em relação a este tema, mas apenas isso... Nada muito concreto, com substância e com base!*

*Na realidade, ainda estávamos buscando aprender a nos aproximar mais dos alunos nas aulas presenciais, pois em muitas situações a nossa prática docente não*

*tinha nada a ver com a vida dos discentes, o que gerava um imenso espaço vazio entre nós...*

*Eu trabalho em dois municípios aqui do Rio Grande do Sul: Picada Café e Santa Maria do Herval, ambos pertencentes à Serra Gaúcha, localizados no seu início. Lembro-me que saí da escola em Picada Café na terça de manhã, dia 17/03, e tudo estava correndo bem. Na quarta, eu lecionei o dia todo no outro município... Na quinta, acompanhei via aplicativo de WhatsApp uma movimentação diferente na escola de Picada Café: a organização de blogs, por onde os alunos acessariam as atividades. Voltei à escola na sexta, dia 20, e estava tudo pronto e alinhavado: a partir de segunda, dia 23/03, os alunos não viriam mais à escola presencialmente, apenas acessariam as suas tarefas de aula via internet.*

*Foi tudo muito rápido, mas tudo organizado eficientemente... No início desta adaptação (ao ensino remoto), senti-me um pouco perdido... Na primeira semana de trabalho, fizemos tudo pelos blogs, mas logo passamos a trabalhar pela plataforma educacional Google Sala de Aula, que é mais completa e nos oferta mais possibilidades de interações com os discentes. Essa organização me passou segurança; entretanto, dúvidas apareceram: Será que estou conseguindo “acessar” e me aproximar do meu aluno? Como ensinar determinados conteúdos (mais complexos) à distância, sem a minha presença física, para auxiliar, para acompanhar o raciocínio do aluno no decorrer do aprendizado? Muitas perguntas e algumas respostas.*

*Resolvi então buscar mais certezas. Eu me inscrevi em um curso oferecido pelo (...), que assessora pedagogicamente as escolas da região. Ao longo do curso, percebi que eu não estava sozinho nestes questionamentos: existiam mais colegas com as mesmas dúvidas! Ufa, que alívio! E mais: entendi que eu não ia conseguir atingir os mesmos objetivos que nas aulas presenciais, um dos meus medos! Tudo isso me trouxe mais paz e conforto para o planejamento das minhas atividades remotas. O fato de poder partilhar os meus medos e as minhas angústias, de embasar as minhas práticas e ver que todos estamos seguindo no mesmo barco, rumo à mesma direção, já traz um “baita” aprendizado! E o mais interessante: somos todos aprendizes, não precisamos ficar receosos de cometermos erros e falhas!*

*O curso foi muito bom! Ele foi muito bem pensado e mediado! Tanto as leituras como os vídeos e o espaço disponibilizado para o aprendizado e as trocas de experiências foram bem organizados. Gostei muito dos textos, que não foram muito “maçantes”: eles eram de leitura suave e tranquila. Isso faz muita diferença num curso! Principalmente num momento como este, em que estamos todos atarefados... Os vídeos também foram muito bem escolhidos! Eles trouxeram informações pertinentes à proposta do curso: discutir o processo de ensino-aprendizado nos tempos de pandemia (descrita no início desta carta).*

*Hoje me sinto melhor, mais tranquilo em planejar as minhas aulas à distância, em pensar no meu aluno, em buscar propostas diferentes para a minha prática, deixando um pouco de lado o conteúdo “formal”, enfocando atividades que envolvam mais o social, o emocional e a vida do aluno. Afinal, estamos todos nós vivendo de forma diferente, passando por experiências totalmente “fora do comum”. Se para mim estão estranhos e esquisitos esses dias, imagina para o meu alunado, todos adolescentes, com milhares de outras transformações acontecendo e ainda imaturos para compreender com tamanha profundidade tudo o que está acontecendo ao redor... Um pouco disso, aprendi no curso que fiz.*

*Escuto muito na TV, no rádio, nas ruas e entre nós colegas, que a pandemia nos trouxe uma grande oportunidade de refletirmos e revermos os nossos pensamentos, a nossa postura e as nossas ações no mundo, na sociedade e na nossa família. Eu digo, sem medo de errar, que ela também abalou as estruturas da educação no nosso País, em especial na nossa escola. Daqui por diante, os nossos alunos não serão mais os mesmos! As nossas práticas docentes não serão mais as mesmas. Mas, é claro, como já li em textos antigos: “Que ouça quem tem ouvidos para ouvir e que veja quem tem olhos para ver”. Ou seja, a mudança acontece sempre de dentro para fora. A oportunidade está aí: agora, basta estarmos abertos para ela!*

*Espero que esteja tudo bem com vocês, pois comigo, agora está tudo certo!*

*Até!*

## CARTA CÉU

*Dias melhores, virão!*

*Quando começou toda a divulgação da questão da pandemia, no verão, parecia tudo tão longe, distante... No dia 15 de março, um domingo, fomos almoçar numa festa da comunidade da Linha Imperial – tradicional Festa do Galato – e comentei com meu esposo sobre o restrito público do evento. Ele, sempre muito social, dava a mão para todas as pessoas. Meu filho olhava, receoso para tal procedimento, tão natural em outros tempos, pois estava atento às notícias sobre o vírus e lamentava que nem álcool o pai tinha com ele. Fomos para o carro e voltamos para casa. O sermão para o pai continuou... A partir dali foi como se um trovão tivesse caído sobre Nova Petrópolis! Só se falava mais sobre o vírus, e naquela semana Nova Petrópolis interrompeu as aulas na quarta-feira e Picada Café, na sexta.*

*A princípio, a parada seria de 14 dias, mas fui me despedindo das pessoas e disse: “até setembro”... Ali já sentia a verdade sobre tudo que havia lido sobre como a população e governos asiáticos e europeus enfrentaram a pandemia, e que isto se arrastaria por muito tempo.*

*Nas duas primeiras semanas, tive que organizar apenas atividades à distância para Picada Café. Foi bem tranquilo, pois naquela semana, antes de sairmos, a plataforma Classroom foi acessada pela escola para os alunos do 6º ao 9º anos, por indicação da (...), pois vinha questionando como poderíamos interagir com nossos alunos nesse período que ainda não sabíamos até quando seria.*

*Agora, neste período 20 de março até 30 de maio, que é o que temos de data até o momento pelo Governo Estadual, já encaminhamos muitas atividades para os alunos na Picada Café, e num esforço conjunto entre alunos, professores, pedagoga, monitoras, direção e pais, que estão nos auxiliando muito, estamos conseguindo de uma maneira diferente trazer conhecimento para a comunidade escolar.*

*Claro que tudo não é perfeito: alguns alunos não tem acesso à internet,*

*alguns não retornam, de alguns os pais fazem as tarefas por eles, de outros os pais colaboram, e assim por diante. Na elaboração das atividades, tenho tentado organizar da melhor forma as tarefas, pensando em várias realidades que temos em nosso contexto escolar.*

*Os alunos estão interagindo comigo pelos grupos de Whats, tirando suas dúvidas e, muitas vezes, refazendo várias vezes a atividade. Sinto que o acompanhamento desta forma é mais individual, estou gostando, e muitas surpresas agradáveis tive neste período.*

*Outro aspecto positivo para mim é a flexibilidade nos horários: respondo para eles quando precisam, independentemente do horário escolar, pois penso que, se é naquele momento que estão a fim de realizar aquela tarefa, a professora também está flexibilizando seu horário; somos, além de profes, filhas, mães e donas de casa neste momento.*

*Tenho utilizado, para montar as aulas encaminhadas virtualmente, mensagens de voz, filmes, práticas, exercícios, vídeos do YouTube... Só não me aventurei ainda em gravar um, mas... talvez, pois acho que será necessário. Estamos nos reinventando, portanto nem tudo é negativo nesta pandemia. O uso do Classroom poderá continuar, pois achei ótimo.*

*Fechando meu pensamento... Na Picada Café a escola está cumprindo com seu papel de educadora. Claro que existe toda a questão do momento, mas fico irada quando leio uma manchete como esta: "Hipocrisia à distância: a escola finge que está educando e os pais fingem que os filhos estão aprendendo"... E ainda professores curtindo e comentando favoravelmente! Então, para mim, não são professores. Não estou utilizando minha vida para fazer de conta, sempre fui muito responsável. Sinto dizer, mas hoje é o que temos... e estamos com certeza de forma coerente e profissional realizando nosso trabalho. O mundo não está igual e nem será assim depois desta pandemia. É assim que me sinto.*

## CARTA ORTANIQUE

*Caros Educadores!*

*Vivemos atualmente uma das piores crises existentes desde que me entendo por gente. Um vírus altamente transmissível, e extremamente letal, está se espalhando pelos 5 continentes do planeta Terra, deixando por onde passa um rastro de morte, medo, dor e perdas irreparáveis. A fim de preservar a vida e evitar a proliferação deste vírus, e com o intuito de evitar um surto de coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, a OMS (Organização Mundial da Saúde) orienta que os países sigam suas orientações técnicas, sugerindo que adotem o isolamento social. Evitando sair às ruas, ou então, somente por razões extremas.*

*Pandemia é uma palavra de origem grega, formada com o prefixo neutro pan e demos, povo, utilizada por Platão, em seu livro Das Leis (11), utilizando-a no sentido genérico, referindo-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. E, mais tarde, também foi utilizada pelo seu aluno Aristóteles, empregando-a com o mesmo sentido. O conceito moderno, atual, de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, com o poder de se espalhar por vários países e a mais de um continente, citando como exemplo a “gripe espanhola”, que se desenvolveu durante a I Guerra Mundial, nos anos de 1918-1919, causando a morte de cerca de 20 milhões de pessoas no mundo todo.*

*Hoje, 20 de maio, faz exatamente 2 meses que adotamos o isolamento social no RS, e conseqüentemente, nas escolas também. Desde então, vivemos isolados e assolados por um misto de pavor e ansiedade. Sabiamente, enquanto escola, nós nos adiantamos em termos educacionais. Ao iniciarmos a quarentena, já havíamos nos organizado, e assim pudemos dar continuidade ao processo ensino-aprendizagem de forma remota. Inicialmente, a demanda das atividades propostas para os alunos pode ter sido deveras cansativa, por estarmos acostumados com aulas em tempo integral, e assim, acabamos transferindo toda a bagagem educacional para casa. Conforme o tempo foi passando, fomos percebendo que nem tudo que sugeríamos naquele momento era essencial, e acabamos despertando para algo mais importante, a preservação da vida.*

*Coincidentemente, ao mesmo tempo em que chegávamos a tal conclusão, após as primeiras semanas de isolamento e aulas remotas, também iniciamos a formação continuada, que contribuiu significativamente, trazendo abordagens diversas sobre os temas mais pertinentes para o momento, através de reportagens, artigos e vídeos. E assim, elucidamos uma série de questões duvidosas que, do meu ponto de vista, talvez de outra forma não teríamos tido a sensibilidade de compreender e colocar em prática*

*Foram muitas considerações importantes e relevantes. Mas para mim, enquanto educadora e pesquisadora voraz, fez mais sentido essa naturalidade com que, neste momento, nos permitimos fazer um check list dos objetos de conhecimentos previstos pela BNCC, selecionando realmente o que é fundamental que os alunos acessem, neste momento de tanta angústia e indecisão, e consigam dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem iniciado lá na escola há exatos três meses, no início do ano letivo. Que neste momento consigamos perceber que menos é mais. Sendo assim, nas considerações de Paulo Freire:*

*Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126)*

*O acesso a este acervo, oferecido pela plataforma, que citou tantas referências teóricas, inclusive nos brindando inúmeras vezes com o Mestre Paulo Freire, que nunca sai de moda, certamente me fez e faz pensar sobre o tipo de educador que eu não quero mais ser. Não quero mais não ter tempo para as dúvidas dos alunos. Não quero mais deixar o lúdico do lado de fora da sala, para dar conta de todos os objetos de conhecimentos, que objetivam desenvolver as 3000 habilidades existentes para aquele nível, citadas na BNCC. Não quero mais que o problema que o aluno carregue, não seja o meu problema, permitindo ao aluno perguntar, conhecer, pois, de acordo com Paulo Freire:*

*Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o*

*professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer. (2007, p. 86)*

*Não quero que as pessoas que estão de fora de sala, e muitas vezes são espectadoras no processo, por falta de experiência, pesquisa ou sensibilidade talvez, nos submetam a situações que comprometam o bom funcionamento escolar.*

*Façamos como na Finlândia, deixemos as decisões com os especialistas no assunto, permitam que os educadores decidam pela educação, ou seja, os educadores que, neste caso, estão e sempre estiveram na linha de frente, fazendo com que toda a “engrenagem” funcione. O pensamento contido em um ensaio de Anísio Teixeira dedicado às relações entre ciência e arte na educação, no qual o autor, mencionando John Dewey, já dizia:*

*O processo educativo não pode ter fins elaborados fora dele próprio. Os seus objetivos se contêm dentro do processo e são eles que o fazem educativo. Não podem, portanto, ser elaborados senão pelas próprias pessoas que participam do processo. O educador, o mestre, é uma delas. A sua participação na elaboração desses objetivos não é um privilégio, mas a consequência de ser, naquele processo educativo, o participante mais experimentado, e, esperemos, mais sábio. (Teixeira, 1957, p. 21)*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

TEIXEIRA, Anísio (1957). **Ciência e arte de educar**. Educação e Ciências Sociais, v. 2, n. 5, p. 5-22.

PINTO, P. A. **Dicionário de termos médicos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Científica, 1962.

## CARTA COMUM

*Feliz, 27 de maio de 2020.*

*Prezados educadores,*

*Estamos vivenciando um momento inusitado em nossa história.*

*Tudo estava dentro da normalidade, vivenciávamos a nossa rotina frenética, a otimização do tempo, atarefados como sempre e com muitos planos, pois, afinal, estávamos apenas no início de um ano letivo. Contudo, na chegada da “Pandemia do Coronavírus”, o cenário mudou bruscamente e, de maneira repentina, sem estar previsto no calendário letivo, acabamos por nos distanciar socialmente e tivemos que adotar outras formas de vincular-nos e mantermos contatos com os nossos alunos e demais comunidade escolar.*

*Com tantas formações realizadas, nunca tinha imaginado que, algum dia, a condição de docência poderia ser integralmente ministrada, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, por meio de aulas programadas, enviadas por grupos de Whats de turmas em contato com as famílias dos alunos. Não tinha tido até o momento tal preparação, mas a ocasião me fez contornar as situações do momento atual de distanciamento e desenvolveu-se, em mim, a capacidade de buscar alternativas acessíveis para aproximar-me das famílias.*

*Este caminho percorrido até agora, a “Jornada pelo Conhecimento”, mesmo que não estivéssemos preparados para tal eventualidade, onde o corpo a corpo, o contato direto, não estava acontecendo presencialmente com os nossos alunos, fez com que a aquisição do conhecimento continuasse. Nós, em nossa profissão, sem escolha, tivemos que nos reinventar, aprendemos coisas novas, usamos ferramentas de trabalho diferentes daqueles nossos dias de aula presencial. Agora o computador e a internet, juntamente dos nossos bons e velhos amigos livros didáticos, fazem-nos criar uma sala de aula virtual.*

*Tenho a certeza de que, muito além da nossa reinvenção, os próprios alunos e famílias também buscaram alternativas para se reorganizarem.*

*Ao encontro da realidade desse cenário, outro ponto marcante para mim foi,*

*justamente, participar desta formação continuada. Ao receber a proposta, eu tinha dúvidas da metodologia que seria usada, da forma como seria conduzida, pois, afinal, não sou a mais entendida neste mundo virtual. À medida que iniciamos os estudos com as primeiras leituras e vídeos, fui me identificando com alguns cenários; as incertezas que me cercavam os pensamentos, também eram as incertezas dos meus colegas, e o mais interessante de tudo, as invariáveis deste momento mostram que buscar a união no distanciamento faz fortalecer as nossas novas práticas.*

*Momentos enriquecedores, como os seminários virtuais, onde tivemos a oportunidade de rever os nossos colegas, ouvir as angústias e as próprias alternativas, deixam as tensões mais brandas e a superação a cada aula programada, transmitem um gostinho de vitória, de capacidade e de autoconfiança.*

*Sinto-me aventureira, pois estou me valendo de meios e ferramentas, antes usadas eventualmente para diversificar aulas, sendo agora essenciais para continuar com minhas práticas docentes.*

*Por fim, ao analisar a vista de cima do morro, avaliando toda a trajetória deste curso e correlacionando-o com as didáticas atuais, novamente me remete um sentimento de capacidade, comprometimento, algo próprio do ser professor. A busca incessante de alternativas e de adequações de metodologias, com o desejo de ver a felicidade e a formalização dos objetivos que traçamos para cada ano letivo, em prol do conhecimento dos nossos alunos, serão sempre os nossos desejos.*

*Penso que todos os esforços serão construtivos e significativos, tanto para nós, professores, quanto para os alunos. Tudo será válido e inesquecível, pois este tempo já entrou para a história, e eu fiz parte...*

*Muito obrigada por poder participar dessa formação!*

*Atenciosamente,*

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. In: NÓVOA, A. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-45.

## OS ORGANIZADORES

### Me. Pablo Silveira



Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). É especialista em Administração e Marketing Esportivo pela Universidade Estácio de Sá e graduado em Educação Física pela Universidade Feevale/RS. Professor da Graduação em Pedagogia do Instituto de Educação Ivoti/RS. É membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação Escolar (GPFOPIE).

Proprietário da Empresa Medley Educação, assessora pedagógica em escolas e secretárias de educação, desenvolvendo ações no âmbito da formação permanente de professores.

E-mail: [pablito.silveira@gmail.com](mailto:pablito.silveira@gmail.com)

### Dr. Viviane Maciel Machado Maurente



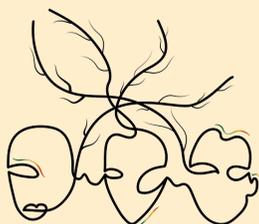
Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela UFRGS, Mestre em Ciência do Movimento Humano pela UFSM, Especialista em Ciência do Movimento Humano e Graduação em Educação Física pela UFSM. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), atua no Curso de Mestrado Profissional em Educação da UERGS. É líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Inovação

Escolar (GPFOPIE).

E-mail: [viviane-maurente@uergs.edu.br](mailto:viviane-maurente@uergs.edu.br)



Universidade Estadual do Rio Grande do Sul



**Programa de Pós-Graduação em Educação  
Mestrado Profissional (PPGED-MP)**



Grupo de Pesquisa Formação de  
Professores e Inovação Escolar